AS EXPECTATIVAS DO ALUNO EJA



ELIZÂNGELA DE SOUSA RODRIGUES NUNES
Graduações em: Pedagogia; Artes; História; Educação Especial. Pós-Graduação em: Educação Especial com ênfase em deficiência intelectual; Alfabetização e Africanidades.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo promover reflexões acerca das expectativas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscando compreender quem são esses sujeitos, quais circunstâncias os levaram a interromper sua trajetória escolar na modalidade regular e, posteriormente, quais fatores contribuíram para o retorno aos estudos por meio da EJA. Ao analisar esse movimento de abandono e retomada, torna-se possível perceber que a escola, para esses alunos, não é apenas um espaço de aquisição de conteúdos básicos, mas também um ambiente de reconstrução de sonhos, de ressignificação de experiências e de projeção de novos horizontes. Muitos desses estudantes carregam histórias marcadas por dificuldades econômicas, responsabilidades familiares precoces, necessidade de inserção no mercado de trabalho ou mesmo por experiências escolares anteriores que não conseguiram atender às suas demandas. O abandono, portanto, não se dá por falta de interesse, mas pela presença de obstáculos que se impõem ao longo da vida e que acabam afastando o indivíduo da escola. No entanto, ao retornar por meio da EJA, esses alunos demonstram uma força de vontade significativa, revelando que a educação continua sendo vista como um caminho legítimo para a transformação pessoal e social. As expectativas que emergem nesse retorno são diversas: muitos almejam não apenas concluir a educação básica, mas também dar continuidade aos estudos em níveis mais avançados, ingressando em cursos técnicos, superiores ou em outras formações que lhes possibilitem ampliar suas oportunidades. Outros enxergam na escolarização uma possibilidade concreta de conquistar melhores empregos, alcançar estabilidade financeira e, consequentemente, ascender socialmente. A educação, nesse sentido, é compreendida como um direito fundamental do ser humano, que deve ser garantido desde as idades iniciais, mas que também precisa estar disponível em diferentes fases da vida, respeitando os ritmos e trajetórias individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Expectativas; Educação; Ascensão Social.

INTRODUÇÃO

Atualmente, há uma quantidade significativa de exigências que cercam as pessoas. Para conseguir um bom emprego, que ofereça boas condições de trabalho e salário, é exigido que a pessoa tenha criatividade, proponha soluções, seja dinâmica e participativa, entre outras coisas mais. Todas essas exigências criam a necessidade de uma maior participação social, uma maior compreensão da sociedade e de seu funcionamento.

A leitura e a escrita estão presentes nessa sociedade e é um meio de melhor compreendê-la. Por meio de diversos meios de informação e conhecimento, adquirir-se saberes necessários para podermos além de pertencer, participar de uma sociedade e assim, contribuir para o seu desenvolvimento e avanço. Porém, devemos entender melhor o que seria essa leitura e escrita, assim abordando reflexões a respeito das expectativas que um aluno de EJA atribui voltando aos estudos que foram paralisados por algum tempo.

Uma sociedade não pode se desenvolver e avançar se seus participantes entenderem que a leitura e escrita é apenas a decodificação do código. A relação entre letra e som, não pode, nem deve ser considerada uma leitura e escrita efetiva, é meramente um saber limitado.

Não existe desenvolvimento, avanço e nem mudança em uma leitura e escrita onde não há a compreensão, apenas o uso para “uma necessidade pragmática” (OSAKABE, 1983).

Se faz necessário compreender a importância da leitura e da escrita na sociedade, como ela se dá e como a utilizamos. Freire (1982) afirma que:

> A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. […] Linguagem e realidade se aprende dinamicamente. […] A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela (FREIRE, 1982, p. 23).

Desse modo, a leitura e a escrita não é apenas a decodificação do código, mas também um meio de maior conhecimento e compreensão do mundo, fazem parte de nossas vidas antes mesmo de nos apropriarmos dela, e com elas convivemos e nos relacionamos com a sociedade.

A alfabetização era entendida apenas como a decodificação do código, porém hoje é muito mais, é o compreender e o usar da leitura e a escrita em diversos lugares e situações.

Por isso, se faz necessário um ensino para os alunos de EJA em que haja atividades significativas, levando estes alunos a compreenderem a complexidade do mundo da escrita, seus usos e formas.

ENTENDENDO UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO

Dificilmente pensamos sobre o papel da escrita em nossa vida, pois ela já está enraizada em nosso cotidiano, e não nos damos conta de sua importância e no quanto ela facilitou nossas vidas.

A importância do surgimento da escrita para a história das civilizações é tão grande que é considerada como um marco fundamental do desenvolvimento. Por causa disso costuma-se chamar de Pré-História o período anterior à escrita (BRITO, 2012, p. 20).

A partir do desenvolvimento de uma nova sociedade, que deixava de ser nômade e passava a ser mais complexa, pois estava se estabelecendo em um determinado local, desenvolvendo métodos de agricultura, comércio e negociações, houve a necessidade de criar um meio de organização, onde fosse possível registrar e retomar aquele registro quando necessário. Foi a partir dessa necessidade que surgiu a escrita.

> O desenvolvimento dos métodos de agricultura e do comércio, e as distâncias entre as cidades entre as quais se estabeleciam relações de trocas, são tidos como os responsáveis pelos primeiros registros escritos, ante a necessidade de controle administrativo, de registros contábeis e de se saber com exatidão onde se situavam os distantes pontos de abastecimento e quais as rotas a seguir para os alcançar (GOMES, 2007, p. 05).

Logo no começo dessa nova sociedade, não se fazia necessário que as pessoas mais comuns dominassem a escrita, pois seus afazeres não lhe exigiam. Porém, conforme os séculos foram se passando, a sociedade foi evoluindo adquirindo novos conhecimentos, avanços nas ciências e meios de comunicação, e as pessoas de classes mais altas começaram a se alfabetizar para ter acesso a esses novos conhecimentos, mas ser alfabetizado ou não, ainda não alterava a vida das pessoas (TRINDADE, 2006).

No contexto brasileiro, a educação passou a ocupar posição de destaque ao final do século XIX, especialmente após a Proclamação da República. As instituições escolares assumiram o papel de agentes de modernização, sendo responsáveis pela formação das novas gerações com vistas a atender aos ideais republicanos do Estado, contribuindo para a consolidação da nova ordem política e social (MORTATTI, 2006).

> No âmbito desses ideais republicanos, saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social. A leitura e escrita – que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas escolas do Império - tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga, gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados. (MORTATTI. 2006, p.39)

O ensino passou a ser organizado, intencional e sistemático. Era uma nova fase em que as pessoas se instruiriam e passariam a enxergar o mundo com outro olhar, contribuindo assim, para o desenvolvimento e avanço do país.

Houve diversos métodos de alfabetização, pois ao longo dos anos a escola tem fracassado em seu papel de alfabetizadora, e para cada fracasso o método de ensino utilizado nessa época é considerado tradicional e substituído por outro método considerado inovador.

Mortatti (2006, p. 4-12), dividiu os métodos de ensino inicial da leitura e escrita, desde as décadas finais do século XIX, em quatro momentos:

> A metodologia do ensino da leitura – O primeiro momento durou da segunda metade do século XIX a 1890. Para o ensino da leitura utilizavam nessa época o método sintético, que é da parte para o todo, ou seja, letras, sílabas, palavras, frases e textos. Esse método parte da ideia de ir aumentando o grau de dificuldade. A escrita era restringida a caligrafia e ortografia, e seu ensino era através de cópia, ditados e produção de frases isoladas.

A institucionalização do método analítico – O segundo momento durou de 1896 a 1920. O ensino da leitura deveria ser do todo, para depois ir para as partes constitutivas.

Alfabetização sob metida – O terceiro momento durou de 1920 até o final da década de 1970. Foi a conciliação do método sintético com o analítico, chamado de métodos mistos ou ecléticos.

Alfabetização: construtivismo e desmetodização – De 1980 a dias atuais. O construtivismo se apresenta não como um método novo, mas como uma revolução conceitual, que questiona a necessidade das cartilhas, as teorias e práticas tradicionais e desmetodizar o processo de alfabetização.

Percebe-se que cada novo método de alfabetização surgiu como inovador e com a função de tentar “salvar” a educação do fracasso. No entanto, apesar desses diferentes métodos, permanece o fracasso escolar, o que tem gerado alunos analfabetos e analfabetos funcionais, por esse motivo faz-se fundamental que os adultos de EJA tenham a oportunidade de retomar seus estudos e se enquadrando na sociedade atual.

O LETRAMENTO E A ALFABETIZAÇÃO

Entende-se alfabetização como a apropriação do código, enquanto Letramento é o fazer uso da leitura e escrita nas práticas sociais, para assim conhecer, se desenvolver e libertar-se .

Se faz necessário novas práticas de ensino nas escolas, onde os alunos não apenas se apropriem do código, realizando leituras e escritas mecânicas, mas um ensino significativo, que permita ao aluno entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

Os alunos devem ser estimulados a pensar, a se comunicar, a sentir, a correr atrás de seus objetivos, sonhos e direitos, e o mundo da escrita oferece esses estímulos.

Ao ler diferentes textos, adquirimos diversos conhecimentos que podemos usar para todas as áreas da vida. Por exemplo: alguns textos literários podem nos passar uma mensagem, mesmo que implicitamente, pois ao criar afinidade com algum personagem, compreender o contexto, o leitor passa a refletir sobre a história, e acaba por se colocar no lugar do personagem ou comparar a situação deste com alguma situação de sua própria vida, com essa reflexão o leitor ganha um conhecimento para a própria vida, pois ele pode achar uma resposta para uma situação que passava, ou passa a compreender melhor as outras pessoas, ou a se compreender melhor, entre vários outros conhecimentos que pode adquirir, apenas com a leitura sobre o cotidiano de algum personagem.

Ler e escrever para apenas decifrar o código, não é um ensino efetivo, pois a leitura e escrita deve ter um propósito e deve trazer algo.

Porém é importante que percebam que a Alfabetização não pode ser substituída pelo Letramento e vice-versa, pois cada um tem um objetivo e traz um conhecimento. “Por equívoco e por inferências falsas, passou-se a ignorar ou a menosprezar a especificidade da aquisição da escrita.

Codificar e decodificar viraram nomes feios" (SOARES, 2003 apud LIMA, 2011, p. 44).

Algumas questões em como e quando trabalhar o Letramento ainda são uma dúvida. Frequentemente ouve-se perguntas como: Se trabalha Letramento depois que os alunos estiverem alfabetizados? De que forma posso trabalhar o Letramento? Quais práticas posso trazer para a sala de aula que contribuam para o Letramento?

Essas são apenas algumas perguntas que aparecem no cotidiano escolar. Percebe-se que apesar de compreender-se a importância do Letramento, ainda há muitas dúvidas sobre como e quando trabalhá-lo.

No começo da alfabetização, muitos alunos ainda não se apropriaram do código da escrita, sendo assim, surge a dúvida por parte de professores em qual é o melhor momento para trabalhar o Letramento:

> […] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização […] (SOARES, 2004 apud MORAIS, 2010, p. 03)

Percebe-se que a Alfabetização e o Letramento são indissociáveis, sendo assim, não se deve alfabetizar para depois letrar, mas ambos devem ser trabalhados juntos e ao mesmo tempo.

A família tem um papel importante no processo de Letramento da criança. Quanto maior for grau de Letramento da família, maior vai ser a experiência da criança com a linguagem escrita, o que "pode resultar, ou não, no reconhecimento dessa modalidade de linguagem como elemento constitutivo dos vínculos e papéis sociais" (BERBERIAN; BERGAMO, 2009, p. 93).

> […]. É o modo de participação da criança, ainda na oralidade, nestas práticas de leitura e escrita, dependentes do grau de letramento familiar (e, acrescentaríamos) da instituição escolar e/ou pré-escolar em que a criança está inserida, que lhe permite construir uma relação com a escrita enquanto prática discursiva e enquanto jogo (ROJO, 1998 apud BERBERIAN; BERGAMO, 2009).

Ao chega à escola, a criança já tem um repertório de conhecimentos adquiridos cotidianamente, cabe a instituição escolar dar continuidade a este processo, promovendo uma aprendizagem significativa das diversas funções da leitura e escrita.

Cabe ao professor mostrar aos alunos diferentes textos e "promover diferentes, instigantes e polêmicas perguntas sobre diferentes perspectivas do texto, para que os alunos possam exercitar sua capacidade de compreensão" (COSTA, 2009, p. 13), pois ele está inserido em uma sociedade que utiliza-se desse meio para diversas finalidades no seu cotidiano. Desse modo, auxilia os alunos a compreenderem que cada texto tem um objetivo e se apresentam em situações comunicativas diferenciadas e, por isso, a organização e a estrutura do texto estão relacionadas às funções discursivas (MORAIS, 2010,).

É necessário que haja promoção de atividades que sejam significativas:

> […] atividades que envolvam o prazer e o gosto pela leitura, abrangendo a interação com livros de literatura infantil, atividades em que as crianças possam conversar sobre o que leram, levantar hipóteses, questionar e serem questionadas, na busca pela compreensão lido ou falado, atividades que provoquem reflexões constantes sobre o funcionamento e a estrutura da língua escrita, atividades que desenvolvam a consciência fonológica e a oralidade e

> atividades onde as crianças possam escrever espontaneamente, testando suas hipóteses psicogenéticas da escrita (BRILHANTE, 2010, p. 11).

Ao alfabetizar-letrando proporciona-se uma aprendizagem diferenciada, pois a criança cria vínculo com leitura e a escrita, passa a ver não como algo chato e sem sentido, mas como uma maneira de expressar-se, de conhecer-se e de libertar-se. A leitura e a escrita passam a ser vista com outro olhar, de alguém que lê e entende que lê e questiona que lê e faz a mudança.

O EJA E SEU PAPEL SOCIAL

Muitos são os benefícios que o EJA trás para os adultos que deixaram de estudar. Porém, são poucas pessoas que se tornam letradas, pois a maioria da população usa a escrita em um nível superficial, ou seja, são analfabetos funcionais.

> […] a maior parte da população brasileira adulta é funcionalmente analfabeta. Quero dizer que, se bem que sejam capazes de assinar o nome e de decifrar o letreiro de um ônibus que tomam diariamente, não conseguiriam ler com compreensão adequada uma página completa, ainda que se tratasse de assunto dentro de sua competência (PERINI, 1998 apud, BRITO, 2012, p. 95)

Essa problemática tem crescido a cada ano, pois apesar da diminuição do analfabetismo, a população não sabe fazer uso efetivo das práticas de leitura e escrita. São diversos fatores que tem contribuído para o analfabetismo funcional:

> Fatores diversos podem ser apontados, desde a formação deficiente no período escolar, a baixa escolaridade, o desinteresse pela leitura na sociedade (causado, sobretudo pelo desprestígio da escrita e do magistério) a concorrência entre a leitura e todos os meios de comunicação de massa, a onipresença do computador, a desvinculação criada entre o diploma e o sucesso em diversas carreiras, a criação artificial de ídolos semialfabetizados, o preço do papel e dos insumo necessários à impressão, que encarecem demasiadamente o livro, políticas equivocadas de incentivo à leitura e muito outros (COSTA, 2009, p. 26).

Percebe-se que muitos desses fatores são causados por problemas da própria cultura deficiente em que se encontra o país, que tem trocado diversos valores e se perdido em algo que não leva a nada.

Essas problemáticas vêm gerando novas situações preocupantes, pois “o resultado da falta de noção de cidadania, desenhada na evasão escolar, no desemprego, em baixos salários, é a violência. Nunca o Brasil viu tanta violência urbana, num clima que faz lembrar uma guerra civil” (DIMENSTEIN, 1997 apud COSTA, 2009, p. 79).

A importância de uma educação de qualidade, de uma educação que promova o letramento é algo que se faz necessário, pois a leitura abre-lhe portas ao conhecimento e se torna um corrimão para o aluno, auxiliando a estabelecer os valores que utilizará para sua vida.

> A atuação da escola na formação de leitores de primeiras letras pode resultar acréscimo significativo de valores humanos, sociais, econômicos, científicos, filosóficos, sociológicos, psíquicos, artísticos e tantos outros. A iniciação da criança nas habilidades de leitura abre-lhe portas ao conhecimento. A competência da leitura, adquirida nas trocas que, enquanto leitor, ela realiza, aperfeiçoa-se ao longo da vida e pode mantê-la conectada a toda produção do pensar, agir e criar, realizada pela humanidade e registrada em formato de textos escritos. A força dessa aprendizagem constrói consciência e atitudes eficazes ao longo da vida. (COSTA, 2009, p. 23).

O EJA traz grandes contribuições para nossa sociedade. Ao letrar um aluno de EJA não o ensinamos apenas a ler e escrever, mas também a usar e pensar sobre o que se lê e o que se escreve, ao ensinarmos essa prática, o aluno de EJA eventualmente vai sentindo prazer, adquirindo conhecimentos, se tornado crítico, estabelecendo valores e começando a refletir sobre o mundo e suas práticas, superando as expectativas que tinha a respeito de seus estudos e aprendizagens.

Se faz necessário a mudança de olhar, por parte da educação, escola e professores sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), não pensando apenas como a aquisição do código da escrita, mas como algo mais complexo, que contribui para a mudança de práticas e valores, e assim, a mudança e o crescimento de uma sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente há uma demanda de exigências para que a pessoa consiga um bom emprego, todas essas cobranças obrigam as pessoas terem uma maior participação e entendimento social, estes podem ser adquiridos por meio de conhecimentos que podem provir da leitura e escrita, se tornando uma das grandes expectativas de um aluno de EJA.

Porém, entende-se essa leitura e escrita não como uma decodificação do código, mas como um meio de compreensão que abrirá caminhos para o conhecimento, criticidade e liberdade, tão fundamentais nos dias atuais, aos quais criam expectativas positivas para os alunos de EJA.

A alfabetização era um termo fortemente ligado a ideia de aquisição do código da escrita, e se fazia necessário um novo termo que ultrapassasse essa ideia de decodificação, que fosse além, por isso surgiu o termo Letramento.

O Letramento não tem apenas uma definição, mas várias, pois é conceito muito rico e complexo, mas podemos defini-lo como, uma prática que por meio da leitura e escrita nas diversas situações e práticas sociais do cotidiano, promove o prazer, conhecimento, desenvolvimento, participação e inserção social, criticidade e liberdade.

A alfabetização e o Letramento devem ser trabalhados juntos, fundamentais na Educação de Jovens e Adultos (EJA). É necessário que o professor de EJA apresente diferentes textos aos alunos e promova a participação destes antes, durante e depois da leitura, para que venham levantar hipóteses, questionar, entrar em conflito, argumentar e concretizar um novo conhecimento.

Por meio de um ensino de leitura e escrita significativo, um ensino que promova o Letramento, o aluno de EJA pode passar a compreender melhor a si mesmo, as outras pessoas e o mundo, desse modo ele não só compreenderá, mas passará a pensar sobre o mundo, sobre os valores que este está tento, sobre os problemas que ele apresenta, sobre a melhora que pode ocorrer, então, este aluno não será apenas alguém que se contenta em ver as sombras por trás das paredes, mas será alguém que se arriscará para lutar por uma mudança que se faz necessária.

Muitos são os benefícios que o Letramento pode trazer a sociedade, pois não é apenas a aquisição do código da escrita, mas um abrir o olhar para o mundo.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. P. L. **Letramento no Brasil.** 2ª ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2013.

BRILHANTE, L. H. A. A. **Alfabetização e Letramento: por uma proposta didática para alfabetizar letrando**. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação, 2010, Teresina.

COSTA, M. M. **Literatura, Leitura e Aprendizagem**. 2ª ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

GOMES, E. C. **A Escrita na História da Humanidade**. Dialógica (Manaus), v. 1, p. 3, 2007.

MORAIS, G. A. S. **Alfabetizar Letrando: desafios da prática pedagógica alfabetizadora**. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2009, Teresina-PI.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** Seminário Alfabetização e Letramento em Debate - MEC/SEB. Brasília-DF: MEC/SEB, 2006. v. 1. p. 1-14.

LIMA, B. V. A. A**lfabetização e Letramento: caminhos que se cruzam**. Revista Ararobá: Pesquisa, Ensaios e Críticas Literárias ISSN 1984 – 8536. Ano 5 – nº 5 – Setembro/2011.

TRINDADE, A. P. P. **A Evolução Histórica da Escrita e sua Importância na Formação do Sujeito**. Sinergia, São Paulo, v. 7, n.1, p. 20-23, jan./jun. 2006.